
DA PEQUENA À GRANDE PROPRIEDADE EM MIRASSOL D' OESTE- MT: O ESPAÇO AGRÁRIO E A SUA (RE) ESTRUTURAÇÃO

José Carlos de Oliveira **SOARES**

E-mail: josecarlosgeografia@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3336-5378>

Andréia Pereira **CALIXTO**

E-mail: andreiageoensino@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1320-3144>

Leandro dos **SANTOS**

Professo do Curso de Geografia, Unemat.

E-mail: leandroluander@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4200-9524>

*Recebido
Julho de 2023*

*Aceito
Março de 2024*

*Publicado
Abril de 2024*

Resumo: A partir de 1970, a região Sudoeste de Mato Grosso passou por uma intensa ocupação de famílias que se estabeleceram no campo, principalmente oriundas do Sudeste do Brasil. Elas se dedicaram à atividade familiar em pequenas propriedades. No entanto, ao final da década de 1980, a região passou por transformações significativas que modificaram o cenário das pequenas propriedades de subsistência, transmutando-as em áreas destinadas à agricultura moderna, com foco na produção de cana-de-açúcar, e em grandes fazendas dedicadas à criação de gado. Com base nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi compreender o processo de reestruturação do espaço agrário no município de Mirassol D' oeste-MT, examinando os impactos no uso da terra, na produção socioeconômica e na organização produtiva das propriedades. Para tanto, teoricamente, a discussão teve como ponto de partida a Categoria da Seletividade (Moreira, 2010) e o conceito da Formação Socioespacial (Santos, 1982). As etapas e procedimentos metodológicos foram: empiria para colher as impressões/geoindicadores levantadas na problematização; volta ao gabinete para: a) sistematização da base teórica; b) levantamento bibliográfico sobre o processo de produção do espaço agrário na região; c) checagem em documentos e dados oficiais; correlação entre os dados levantados e sistematização do texto. Os resultados obtidos revelaram transformações profundas no que se

refere ao uso da terra e à reconfiguração no tamanho das propriedades, o que impacta diretamente nas atividades agrárias desenvolvidas no município. As principais evidências acentuam-se na reconcentração fundiária, no abandono da agricultura familiar em detrimento da pecuarização e da cultura de cana-de-açúcar para a produção do etanol. Essas mudanças têm repercussões na ocupação da mão de obra, resultando em uma diminuição no cenário agrário, bem como na migração intra e inter-regional e no ambiente urbano do município, com os efeitos do êxodo rural.

Palavras-chave: Espaço agrário; uso da terra; propriedades rurais; dinâmica Socioeconômica; Mirassol D'oeste-MT.

FROM SMALL TO LARGE PROPERTIES IN MIRASSOL D'OESTE-MT: AGRARIAN SPACE AND ITS (RE)STRUCTURING

Abstract: Since the 1970s, the Southwest Mato Grosso region has experienced intense settlement by families, primarily from the Southeast of Brazil, who engaged in family-based activities on small-scale properties. However, by the late 1980s, the region underwent significant transformations that modified the landscape of subsistence-based small properties, turning them into areas dedicated to modern agriculture, with a focus on sugarcane production, as well as large cattle farms. Considering this context, this research aimed to understand the rural space restructuring process in Mirassol D'oeste-MT, examining the impacts on land use, socioeconomic production, and the productive organization of properties. The theoretical discussion was based on the concept of Selectivity (Moreira, 2010) and the concept of Socio-Spatial Formation (Santos, 1982). The methodological stages and procedures involved empirical data collection to gather impressions/geo-indicators raised in the problematization phase, followed by a return to the office for a) systematization of the theoretical framework; b) bibliographic review of the process of agricultural space production in the region; c) verification of official documents and data; and correlation between the data collected and the systematization of the text. The results revealed profound transformations in land use and property size reconfiguration, directly impacting agricultural activities in the municipality. The main evidence emphasizes land concentration, the abandonment of family farming in favor of livestock farming, and sugarcane cultivation for ethanol production. These changes have repercussions on labor occupation, resulting in a decrease in the agricultural landscape, as well as intra and inter-regional migration and the urban environment of the municipality, with the effects of rural exodus.

Keywords: Rural space; land use; rural properties; Socioeconomic dynamics; Mirassol D'oeste-MT.

DE LA PEQUEÑA A LA GRANDE PROPIEDAD EN MIRASSOL D'OESTE-MT: EL ESPACIO AGRARIO Y SU (RE) ESTRUCTURACIÓN

Resumén: A partir de 1970, la región suroeste de Mato Grosso sufrió una intensa ocupación por familias que se instalaron en el campo, principalmente del sureste de Brasil. Se dedicaron a la actividad familiar en pequeñas propiedades. Sin embargo, a fines de la década de 1980, la región sufrió importantes transformaciones que cambiaron el escenario de las pequeñas propiedades de subsistencia, transmutándolas en áreas destinadas a la agricultura moderna, con foco en la producción de caña de azúcar, y también en grandes haciendas dedicadas a la crianza de ganado. Con base en este contexto, el objetivo de esta investigación fue comprender el proceso de reestructuración del espacio agrario en el municipio de Mirassol D'oeste-MT, examinando los impactos en el uso de la tierra, la producción socioeconómica y la organización

productiva de las propiedades. Por lo tanto, teóricamente, la discusión tuvo como punto de partida la Categoría de Selectividad (Moreira, 2010) y el concepto de Formación Socioespacial (Santos, 1982). Los pasos y procedimientos metodológicos fueron: Empiría para recolectar las impresiones/geoindicadores levantados en la problematización; Regreso a la oficina para: a) sistematizar la base teórica; b) levantamiento bibliográfico sobre el proceso de producción del espacio agrario en la región; c) verificar documentos y datos oficiales; Correlación entre los datos recogidos y la sistematización del texto. Los resultados obtenidos revelaron profundas transformaciones en cuanto al uso del suelo y la reconfiguración del tamaño de las propiedades, que impactan directamente en las actividades agrarias que se desarrollan en el municipio. La principal evidencia se acentúa en la reconcentración de la tierra, en el abandono de la agricultura familiar en detrimento de la ganadería y el cultivo de caña de azúcar para la producción de etanol. Estos cambios repercuten en la ocupación de la mano de obra, traduciéndose en una disminución del escenario agrario, así como de la migración intra e interregional y en el entorno urbano del municipio, con los efectos del éxodo rural.

Palabras clave: Espacio agrario; uso del suelo; propiedades rústicas; dinámica Socioeconómica; Mirassol D’oeste-MT.

INTRODUÇÃO

A produção do espaço geográfico está intrinsecamente ligada às ações do trabalho humano, que visam organizar as relações entre si e com a natureza. Segundo Moreira (2010), o espaço geográfico é o resultado da interação entre elementos naturais e sociais. Essas práticas que moldam o espaço são influenciadas por condicionantes estruturadas no sistema econômico e suas necessidades de produção e reprodução.

Nessa direção, reconhece-se neste artigo que o espaço geográfico é uma construção dinâmica e complexa, visto que os aspectos naturais, como relevo, clima, hidrografia e vegetação, fornecem a base física do espaço, moldando suas características e limitações. No entanto, é na intersecção com os elementos sociais das atividades humanas, como culturas, estruturas políticas e econômicas, que o espaço adquire sua verdadeira essência.

Portanto, a apropriação e transformação do ambiente natural pelos seres humanos, por meio de processos como urbanização, agricultura, industrialização e infraestrutura, conferem ao espaço geográfico uma dimensão social, histórica e simbólica, refletindo a dinâmica transmutativa das relações entre a sociedade e o ambiente ao longo do tempo.

Diante dessas considerações, é relevante destacar que a partir da década de 1970 ocorreu um intenso processo de ocupação em uma área específica da região Sudoeste de Mato Grosso, atualmente correspondente ao município de Mirassol D’ Oeste. Conforme ressaltado por Soares (2014), esse evento foi caracterizado pela chegada de famílias oriundas principalmente do Sudeste do Brasil, que se dedicavam às atividades familiares em pequenas propriedades (Soares, 2009).

Em decorrência desse acontecimento, no final da década de 1980, o espaço agrário da região sofreu transformações significativas que alteraram paulatinamente o cenário das pequenas propriedades que eram voltadas para subsistência. Devido às transformações, esses espaços foram destinados à agricultura moderna, com foco na produção de cana-de-açúcar para a produção de etanol, tornando-se também grandes fazendas produtoras de gado bovino destinado ao corte.

Sendo assim, iniciou-se o apogeu da pecuária extensiva e a monocultura da cana. Como consequência desse processo, houve a diminuição do número de propriedades destinadas à agricultura familiar, pois, a pecuária extensiva e a monocultura demandam grandes extensões de terra para serem viáveis economicamente. Isso significa que grandes partes de terra são utilizadas para essas atividades, deixando pouco espaço para o desenvolvimento da agricultura familiar (Sauer, 2017).

Outro aspecto relevante a ser destacado é a expansão e modernização tecnológica dessas práticas agrícolas, o que pode representar desafios para os agricultores familiares devido aos elevados investimentos financeiros exigidos. Isso resulta em barreiras econômicas que dificultam a competição com as grandes propriedades (Vilela, 2017). Além disso, tais atividades têm um impacto ambiental significativo, incluindo desmatamento, degradação do solo e contaminação de águas devido ao uso de agroquímicos. Esses impactos comprometem a sustentabilidade e a viabilidade dos agricultores familiares, que possuem uma relação mais equilibrada e sustentável com o meio ambiente.

Contudo, neste novo cenário, os grandes pecuaristas de corte e o industrial do álcool assumiram papéis de destaque na região, atuando como protagonistas na geração de capital (Calixto, 2017). Por conta desses eventos, o desenvolvimento de atividades econômicas centradas na pecuária de corte e produção do etanol redefiniram a estrutura de distribuição das terras e do número de propriedades, repercutindo, conseqüentemente, na reorganização socioeconômica regional, agora composta por três atores principais: o pecuarista de corte, os produtores de etanol e os produtores de leite (Soares, 2014).

Considerando essas ponderações conceituais que reforçam a relevância de direcionar a atenção para esse contexto, o objetivo desta pesquisa foi compreender o processo de reestruturação do espaço agrário no município de Mirassol D' oeste-MT, examinando os impactos no uso da terra, na produção socioeconômica e na organização produtiva das propriedades.

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa que foi executado em três etapas, sendo: I) empiria para colher as impressões/geoindicadores; II) volta ao gabinete para

levantamento bibliográfico em livros, artigos e documentos oficiais e sistematização da base teórica; III) correlação entre os dados levantados e sistematização do texto. Teoricamente, a pesquisa fundamentou-se em diversos autores, tais como Prado Jr. (1945), Santos (1978; 1996), Santos (1982), Siqueira Costa e Carvalho (1990), Ross (1992), Heinst (2003), Neuburger e Geipel (2004) Calixto (2017), Moreira (2008; 2010), Camargo (2011), Miranda e Neves (2018), Sauer (2017), Vilela (2017) e em documentos como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1990; 1995).

O artigo está organizado da seguinte forma: começa com uma introdução que apresenta uma breve contextualização dos objetivos do trabalho. Em seguida, há uma seção metodológica que detalha os caminhos da pesquisa e os procedimentos adotados. Posteriormente, há uma seção dedicada à chegada do migrante, discutindo sua inserção na terra e a organização do espaço em pequenas propriedades. Por fim, dedica uma seção para a abordagem do uso da terra no espaço agrário e as repercussões socioeconômicas do apogeu da agricultura familiar até a reconcentração fundiária.

MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A discussão teve como ponto de partida a categoria da Seletividade (Moreira, 2010) e o conceito da Formação Socioespacial (Santos, 1982). A partir dessas perspectivas, buscou-se explicar a organização que ocorre em um certo recorte do espaço atual, entendendo-o como resultado das práticas empreendidas pelos sujeitos no espaço-tempo, em resposta às demandas de (re) produção do capital, combinadas com os atributos geográficos de cada localidade.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, o estudo foi conduzido em etapas distintas e complementares, que são as seguintes: etapa I- realização da primeira empiria, com o objetivo de coletar impressões e identificar possíveis geoindicadores relacionados à problemática em questão; etapa II - retorno ao ambiente de trabalho para realizar as seguintes atividades: a) sistematização da base teórica, abrangendo conceitos-chave como o processo de produção e reprodução do espaço, formação socioespacial e a categoria da seletividade; b) levantamento de trabalhos acadêmicos que abordam o processo de produção do espaço agrário na região em análise; c) consulta de documentos e dados oficiais, com o intuito de obter informações relevantes sobre a realidade investigada. Dentre os documentos consultados, destacam-se o Informativo Populacional e Econômico de Mato Grosso (Mato Grosso, 2005, 2008), dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE Secretaria de Estado de

Planejamento SEPLAN-MT, Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso INDEA-MT, entre outros.

Por último, na etapa III estabeleceu-se correlação entre os dados obtidos por meio dos trabalhos acadêmicos, fontes oficiais e percepção de campo, visando à sistematização e análise dos resultados.

CHEGADA DO MIGRANTE, INSERÇÃO NA TERRA E A ORGANIZAÇÃO EM PEQUENAS PROPRIEDADES

Conforme Santos (1996, p.51) “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistema de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. O autor sugere que o espaço geográfico seja compreendido como uma entidade complexa, exigindo uma análise integrada para entender sua natureza multifacetada e em constante transformação. Neste sentido, é por meio dos sistemas de objetos e sistemas de ações que o ser humano desenvolve as condições materiais e culturais necessárias para se organizar em sociedade, produzindo e reproduzindo seu modo de vida, ou seja, construindo o seu espaço.

Nessa perspectiva, os objetos são criados e materializados no decorrer do tempo histórico de forma intencional por meio de ações, com o intuito de atender aos anseios e necessidades da sociedade. A respeito disso, Santos (1996, p. 63), salienta que esses objetos e ações “são reunidos numa lógica que é, ao mesmo tempo, a lógica da história (sua datação, sua realidade material, sua causação original) e a lógica da atualidade (seu funcionamento e sua significação presentes)”. Ao adotar essa abordagem, reconhece-se que o espaço geográfico é dinâmico e passível de transformações ao longo do tempo. Essa perspectiva integrada é fundamental para uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos fenômenos.

O entendimento dos aspectos migratórios é fundamental para avaliar as dinâmicas socioespaciais e as transformações ocorridas no município da pesquisa. A chegada do migrante, seja ele vindo de regiões próximas ou distantes, traz consigo um conjunto de experiências, conhecimentos e práticas que influenciam diretamente a forma como o espaço é ocupado e utilizado. A inserção na terra e a organização em pequenas propriedades refletem as estratégias adotadas pelos migrantes para se estabelecerem e garantirem sua subsistência. Compreender esses processos permite analisar os desafios enfrentados, as adaptações realizadas e os impactos socioeconômicos resultantes dessa ocupação.

Formação socioespacial e a leitura do espaço agrário de Mirassol D' Oeste

Conforme Moreira (1982), a natureza social do espaço geográfico deriva do fato de que os seres humanos possuem necessidades físicas, como fome, sede e frio, que são inerentes à sua condição de seres vivos no reino animal, conectando-os à sua dimensão cósmica. Essas necessidades biológicas exigem trabalho para serem contempladas, e isso leva à organização do espaço.

Nesse sentido, compreende-se que o espaço é essencialmente um espaço social, onde os seres humanos interagem em sociedade e com a natureza que os cerca. Ao longo do tempo, ele tem sido modificado e transformado intencionalmente para atender às necessidades pessoais e econômicas. É relevante ressaltar que no espaço geográfico, a sociedade incorpora seus modos de produção, e cada porção desse espaço possui características específicas que são resultados da interação entre o tempo histórico e o presente (Moreira, 1982). Essa perspectiva permite ao pesquisador analisar um recorte específico do espaço utilizando o conceito de formação socioespacial.

Na concepção de Santos (1978, p.3), “[...] o modo de produção seria o ‘gênero’, cujas formações sociais seriam ‘as espécies’; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a formação econômica e social seria a possibilidade realizada”. Com base nesse entendimento, o conceito de formação socioespacial está intrinsecamente relacionado às categorias de espaço e tempo, bem como aos movimentos e processos gerados pelos mecanismos de produção entre os sujeitos envolvidos, nas diferentes escalas do espaço-tempo.

O espaço geográfico é, dessa forma, o resultado das relações que ocorrem em diferentes instâncias do espaço, impulsionadas pela natureza das práticas econômicas realizadas em cada região, levando em consideração suas características sociais e econômicas em um determinado momento. Isso se deve ao fato de que homem ao mesmo tempo em que produz também consome (Santos, 1996). Ao explorar um pouco mais os termos de Milton Santos acerca do sentido de formação socioespacial, verifica-se que:

Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares. (...) os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço. Tomada individualmente, cada forma geográfica é representativa de um modo de produção ou de um de seus momentos. A história dos modos de produção é também, e sob este aspecto preciso, a história da sucessão das formas criadas a seu serviço (Santos, 1982, p. 4).

Como se pode verificar no excerto, compreender a relação entre modos de produção e formas espaciais é fundamental para entender tanto a evolução histórica quanto a configuração atual do espaço geográfico. Isso implica reconhecê-lo como o resultado da acumulação de tempo e espaços, bem como da sobreposição de circunstâncias decorrentes da lógica econômica global.

Mirassol D'Oeste, assim como outras áreas da sua vizinhança no estado de Mato Grosso, foi ocupado nas décadas de 1960 e 1970. Segundo Moreno (1999), esse fato se dá em função das reformulações efetuadas na legislação fundiária estadual, após a promulgação da Constituição de 1946, que permitiu a venda de terras devolutas/ públicas e, ao mesmo tempo, permitia a regularização fundiária de antigas terras já ocupadas. De alguma forma, essa ocupação é uma consequência tardia do Programa Marcha para o Oeste, iniciado na ditadura do Estado Novo com o golpe político de Getúlio Vargas, no ano de 1937. Esse Programa tinha por objetivo o desenvolvimento econômico e incremento populacional das regiões Norte e Centro-Oeste do território brasileiro, até então consideradas pouco povoadas e pouco integradas com o eixo econômico já consolidado no Sul e Sudeste do Brasil (Moreno, 1999; Heinst, 2003).

Nesse contexto, Siqueira Costa e Carvalho (1990) esclarecem que o processo de ocupação das terras do estado de Mato Grosso teve início no final do século XVII e no início do século XVIII. No entanto, foi na segunda metade do século XX que a ocupação e reorganização do espaço mato-grossense se intensificaram, impulsionadas por políticas e programas implementados pelos governos Federal e Estadual.

Assim como em outros municípios do estado de Mato Grosso, Mirassol D'Oeste também passou pelo processo de loteamento, venda e ocupação de terras devolutas, conforme aludido por Moreno (1999). Esse evento ocorreu nas décadas de 1950 e 1960, como resultado de uma nova política de ocupação feita pelo primeiro governo constitucional do Estado e que deu continuidade ao Programa Marcha para o Oeste (Heinst, 2003). Os principais grupos responsáveis pela ocupação inicial das terras que compõem o município são provenientes, em sua maioria, de Minas Gerais e São Paulo, seguidos por capixabas e paranaenses. Posteriormente, um pequeno número de migrantes nordestinos também chegou à região (Calixto, 2017).

O processo inicial de ocupação do espaço em Mirassol D'oeste foi influenciado por fatores geopolíticos e econômicos. No entanto, é importante reconhecer que esses fatores estavam intrinsecamente ligados às características geográficas encontradas pelos migrantes na região. Isso corresponde ao conceito de seletividade do capital, identificado por Moreira (2010),

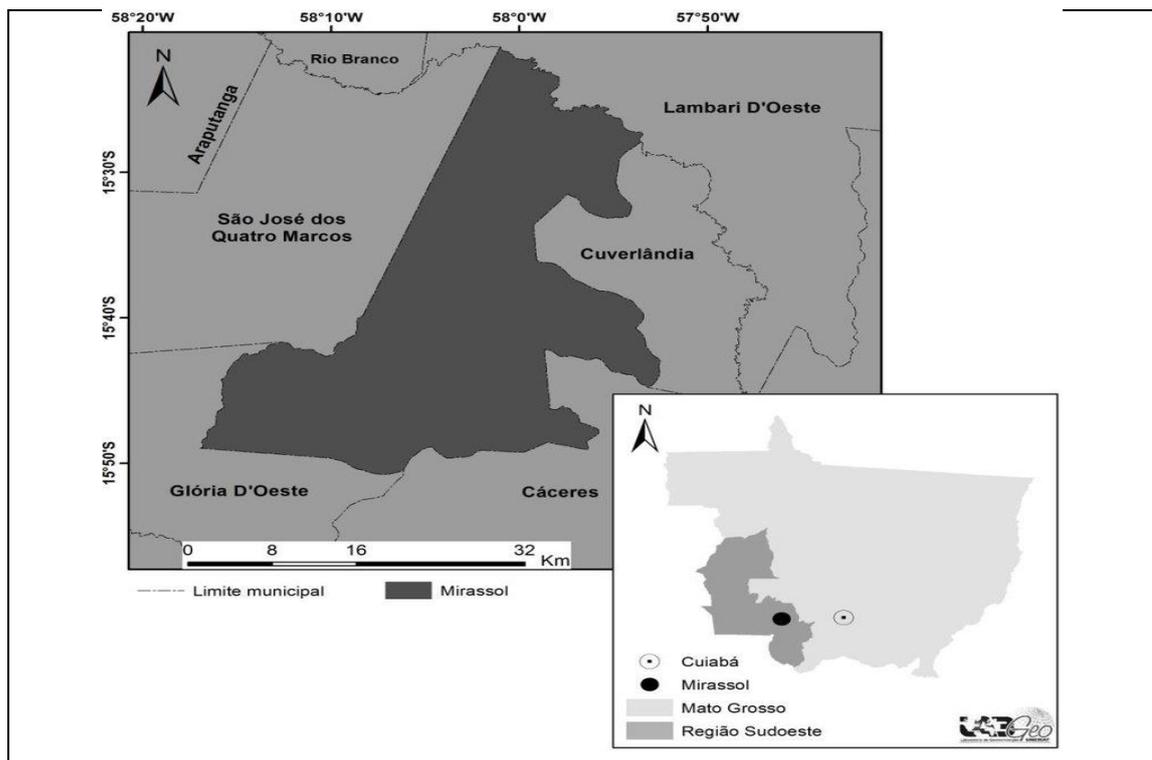
que destaca como o capital escolhe os espaços naturais que permitem sua territorialização e reprodução.

O diálogo tecido sobre a análise da formação socioespacial e a leitura do espaço agrário de Mirassol D’oeste revela a complexidade e a interação entre fatores sociais, econômicos e geográficos na organização desse território. A compreensão desses aspectos permite assimilar as particularidades e transformações do espaço agrário local, bem como sua relação com as demandas econômicas e a reprodução do capital.

Os atributos físicos naturais do município e a forma de apropriação da terra

Geograficamente, o município de Mirassol D’Oeste situa-se na microrregião do Vale do Jauru, na chamada Região da Grande Cáceres. O município possui uma área territorial de 1.076,358 km² e está localizado a uma distância de 329 km da capital Cuiabá, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Mirassol D’ Oeste no Estado de Mato Grosso



Fonte: Dassoller, Miranda e Neves (2018 p, 167).

De acordo com a plataforma Cidades IBGE (2023), no último censo realizado em 2010, a população de Mirassol D’oeste era composta por 25.299 pessoas. A densidade demográfica registrada era de 23,50 hab./km². Em 2020, o PIB per capita foi de R\$28.650,80. No mesmo ano, a taxa de mortalidade infantil atingiu 9,71 óbitos por mil nascidos vivos. Em 2019, a área

urbanizada era de 8,16 km² e, em 2010, aproximadamente 29,7% da população tinha acesso a esgotamento sanitário adequado. Além disso, as vias públicas contavam com 52,6% de arborização, propiciando razoável conforto térmico e de sombreamento ao ambiente urbanizado.

Geologia, Geomorfologia e Pedologia

De acordo com os dados fornecidos por Camargo (2011), a parte meridional do município apresenta uma base geológica relacionada ao período Proterozóico. Essa região é caracterizada pela presença de sequências metavulcano-sedimentares provenientes do planalto de Jauru. Essas sequências englobam diversas formações de rochas vulcânicas, compostas por uma variedade de composições, bem como rochas sedimentares terrígenas e químicas, que foram metamorfozadas na fácies xisto-verde. Essas formações rochosas estão separadas por terrenos granito-gnáissicos.

Na área central, é predominante marcas do período Cenozoico, onde estão presentes rochas da Formação Pantanal compostas por sedimentos arenosos. Nessa região, podem ser encontrados depósitos siltico-argilosos, argilo-arenosos e areno-conglomeráticos, que apresentam um grau de consolidação variável, indo de semiconsolidados a inconsolidados. Além disso, há ocorrência local de impregnações ferruginosas e salinas. Já na parte leste do município, são encontradas rochas da Formação Puga, que consistem em conglomerados (diamictitos) intercalados com arenito, siltitos e folhelhos. Na parte superior, há também a presença de intercalações de margas e calcários (Camargo, 2011).

Ao norte do município de Mirassol D' oeste, localizado no Complexo Xingu, encontra-se um conjunto de rochas ortometamórficas, incluindo granitos, adamelitos, dioritos, anfibólitos, gnaisses ácidos e básicos, migmatitos e granulitos. Além disso, há a presença de quartizitos, quartzo-micaxistos e micaxistos em menor quantidade. Segundo Camargo (2011), essa região apresenta um grau metamórfico que varia entre fácies anfibólito médio e granulito.

No aspecto geomorfológico, de acordo com Ross (1992) e Camargo (2011), o município de Mirassol D'Oeste está situado em uma unidade com atividade tectônica, devido ao processo de subsidência que caracteriza a formação da Bacia do Alto Rio Paraguai. Essa bacia abrange os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estendendo-se por cerca de 700 km. Conforme a interpretação de Camargo (2011), essa ampla região é composta por depósitos quaternários, que alcançam mais de 500 metros de profundidade.

A morfologia de Mirassol D' oeste, inserida nesse conjunto geomorfológico, é resultado dos sedimentos provenientes da bacia do Cinturão Orogênico Paraguai-Araguaia. O relevo

apresenta formas dissecadas, com topos que exibem morfologias afiadas e, na Depressão Alto Paraguai, é possível encontrar morfoesculturas (Camargo, 2011). No que se refere ao solo, Camargo (2011) afirma que a região é predominantemente constituída por solos do tipo Latossolo Vermelho Escuro Eutrófico, caracterizados por uma textura argilosa a muito argilosa. Esses solos são encontrados nas áreas onde ocorre o Cerradão Tropical Subcaducifólio. Além disso, há uma considerável presença de solo do tipo Latossolo Vermelho-Amarelo Podzólico Distrófico, que possui uma textura predominantemente arenosa e relevo suave e ondulado.

Clima, Vegetação e Hidrografia

Conforme estabelecido por Camargo (2011), o município de Mirassol D' oeste apresenta duas temperaturas médias anuais distintas. A sede do município está localizada na faixa de temperatura mais alta do estado de Mato Grosso, variando entre 25,1°C e 26°C. Esse padrão climático é influenciado pela localização da cidade em uma área de menor altitude, inferior a 200 metros, característica da região da Depressão do Alto Paraguai e do Pantanal.

Ainda em relação às temperaturas, conforme apontado por Camargo (2011), há uma manifestação de temperaturas mais amenas no nordeste do município, variando entre 24,1°C e 25°C. Isso indica que Mirassol D' oeste está localizado em uma zona de transição, apresentando características climáticas mais amenas semelhantes às do Planalto do Parecis e de grande parte da Depressão Sul Amazônica, que possuem altitudes mais elevadas, entre 300 e 400 metros. De forma geral, no contexto morfoclimático de Mato Grosso, o município é marcado por uma estação seca, que ocorre durante os meses de maio a outubro, e um período chuvoso, que geralmente se estende de novembro a abril.

No que diz respeito aos aspectos fitogeográficos, levando em consideração a localização do município e o seu respectivo domínio morfoclimático, o cerrado, também conhecido como savana brasileira, é a vegetação característica de Mirassol D' oeste (Camargo, 2011). Atualmente, o município é marcado por uma vegetação de uso antrópico, que inclui áreas destinadas à agricultura, pecuária e extrativismo vegetal. Algumas regiões apresentam formações secundárias, que são remanescentes de vegetações naturais, mas que perderam suas características florísticas, estruturais e dinâmicas originais devido à exploração madeireira, abertura de clareiras e efeitos de borda. Prevalecem espécies de baixo valor econômico em relação à flora original (Camargo, 2011).

No que diz respeito às condições pluviométricas, Camargo (2011) advoga que a pluviosidade em Mirassol D' oeste varia entre 1401 e 1600 mm, com um total de 5 meses secos. A deficiência hídrica é de 251 a 300 mm, atingindo seu ponto mais crítico no período de maio

a setembro. Por outro lado, o excesso hídrico é de 500 a 600 mm, sendo mais pronunciado no período de novembro a março. Esses aspectos naturais proporcionaram as condições necessárias e incentivaram o migrante a desbravar a terra para a produção agrícola. As características geográficas do local, como extensas áreas de terras férteis e sem desgaste, aliadas aos dois períodos de chuva bem definidos ao longo do ano, permitiam o estabelecimento de um calendário agrícola para semeadura, crescimento e colheita, especialmente para lavouras temporárias, como arroz, feijão, milho, mandioca, entre outros. A população migrante iniciou sua produção agrícola nessas terras por meio da prática da agricultura familiar.

Este fato marca definitivamente o início do processo de reprodução do espaço aos moldes capitalistas, porque acontece em detrimento das antigas formas de apropriação do solo do local realizada pelos índios Cabaçais, seu povo originário. De acordo com o Instituto Socioambiental (2023), os indígenas da etnia Cabaçal foram os antigos povos desta região. Constituíram parte da grande etnia Bororo que por mais de cinco mil anos habitou a região sudoeste do estado de Mato Grosso e, nesta parte do Estado, foram denominados de Cabaçais pelos paulistas que colonizaram o local, em função das proximidades com o Rio Cabaçal, que compõe a grande bacia hidrográfica do Paraguai

No início do processo de povoamento, os grupos migrantes que se estabeleceram na região dedicaram-se à agricultura em pequena escala e à criação de animais de porte reduzido. Essas atividades tinham como principal objetivo suprir as necessidades básicas das famílias. Assim, o uso da terra nessa fase inicial de colonização foi caracterizado pela prática da agricultura familiar em propriedades de pequeno porte. A produção obtida era prioritariamente destinada à subsistência dessas famílias, e o eventual excedente era utilizado para abastecer a região local.

É, portanto, nas pequenas propriedades que ocorre todo o processo de produção econômica das terras onde o município de Mirassol D' oeste está localizado atualmente. Nessas propriedades, os grãos eram cultivados de forma manual para suprir as necessidades familiares e, posteriormente, também para abastecer o mercado local que estava em estágio inicial de desenvolvimento, na então nascente área urbana que hoje corresponde à cidade de Mirassol D' oeste.

USO DA TERRA NO ESPAÇO AGRÁRIO E REPERCUSSÕES SOCIOECONÔMICAS: DO APOGEU DA AGRICULTURA FAMILIAR À RECONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA

Como mencionado anteriormente, no início da ocupação da região Sudoeste de Mato Grosso, que inclui as terras de Mirassol D' oeste, as famílias pioneiras se dedicaram principalmente à agricultura de subsistência de base familiar. Mesmo após a emancipação do município, as características do espaço rural ainda eram predominantemente relacionadas às pequenas propriedades. De acordo com dados do IBGE (1980), a grande maioria das propriedades rurais não ultrapassava 10 hectares, como ilustrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de estabelecimentos e pessoal ocupado no ano de 1980

Ano	Propriedade e uso					Pessoal Ocupado
	Total	Até 10 ha	Com Lavoura	Com Pecuária	Efetivo Bovino	Total no contexto agropecuário
1980	1.316	758	1.296	sem dados	29.714	8.325

Fonte: IBGE (1980).

Observa-se que o contexto agrário é marcado pelo predomínio da pequena propriedade. Esse fato torna-se nítido ainda nos anos de 1980 quando Mirassol já se tratava de município emancipado. Do total de propriedades rurais que somava 1.316 estabelecimentos, cerca de 58%, ou 758 destas, não ultrapassam os dez hectares. Outro dado importante deste cenário é que, das 1.316 propriedades rurais nesse período, 1.296 se dedicava a atividade com lavoura, o que indica que quase 100% do espaço rural encontrava-se envolvido com a produção de alimentos. Esse foi um dos objetivos do governo brasileiro no período e que incentivou o desbravamento da Amazônia Ocidental brasileira com a Marcha para o Oeste.

Os principais itens cultivados nessas pequenas propriedades rurais, de base familiar e de subsistência, foram as chamadas lavouras temporárias como o arroz, feijão, milho, mandioca, batata, banana, frutas, hortaliças, entre outros, e, pouco mais tarde, há o incremento nessa diversidade de produção, com o cultivo do café (lavoura permanente) e o algodão.

O desenvolvimento dessa atividade diversificada em pequenas propriedades proporcionava um sustento maior à essas famílias, com geração de renda e condições de manutenção do conjunto familiar. Estas, utilizavam de métodos tradicionais de cultivo; aquele viabilizado de maneira quase que exclusivamente braçal e com uso de pouquíssimo incremento tecnológico.

A experiência de mineiros, paulistas e paranaenses com a cultura do café, aliada à existência de solos vermelhos férteis em terrenos da região, incentivou esse tipo de cultivo para

além do reivindicado no uso familiar. Estudando o contexto agrário da região por ocasião do processo de sua colonização, Neuburger e Geipel (2004) afirmam que:

Na região de Mirassol D’oeste e São José dos Quatro Marcos, os colonos iniciaram na base de solos férteis o cultivo de café e de algodão para o mercado nacional, sempre acompanhado pela produção de lavoura branca destinada à subsistência (Neuburger; Geipel, 2004, p. 17).

O crescimento da agricultura familiar e a sua diversificação geraram excedentes de cultivos dessa pauta, e isso serviu de base para estimular a comercialização que serviria para fomentar a origem de estruturas que pudessem armazenar e, posteriormente, garantir a venda desses produtos. Junto a esse fato observa-se também o incremento de algumas monoculturas que foram importantes para a expansão e dinamização do comércio no local. Neste sentido, as demandas comerciais geradas pela produção agrária, foram fundamentais para impulsionar a estruturação do espaço urbano de Mirassol D’oeste, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Fotografia do início da estruturação do espaço urbano de Mirassol D’ Oeste (década de 1970)

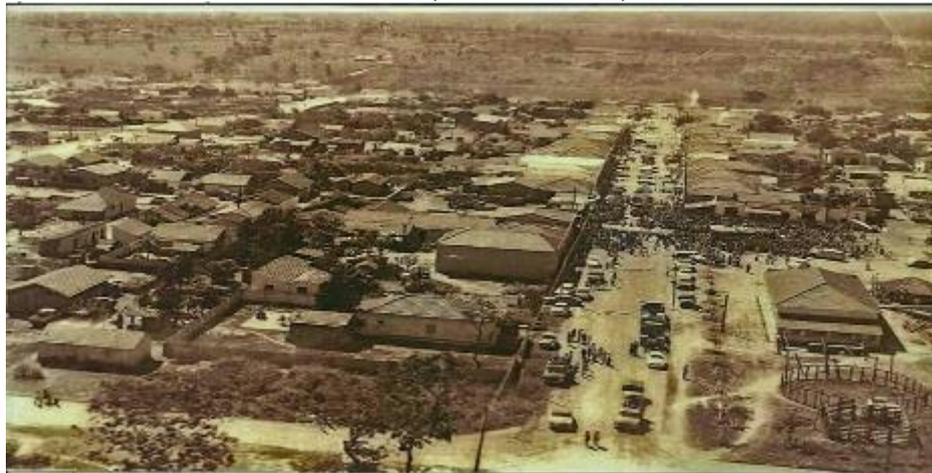


Foto: Prefeitura de Mirassol D’oeste (2023).

Sobre a configuração do espaço urbano Heinst (2003, p.112) relata que:

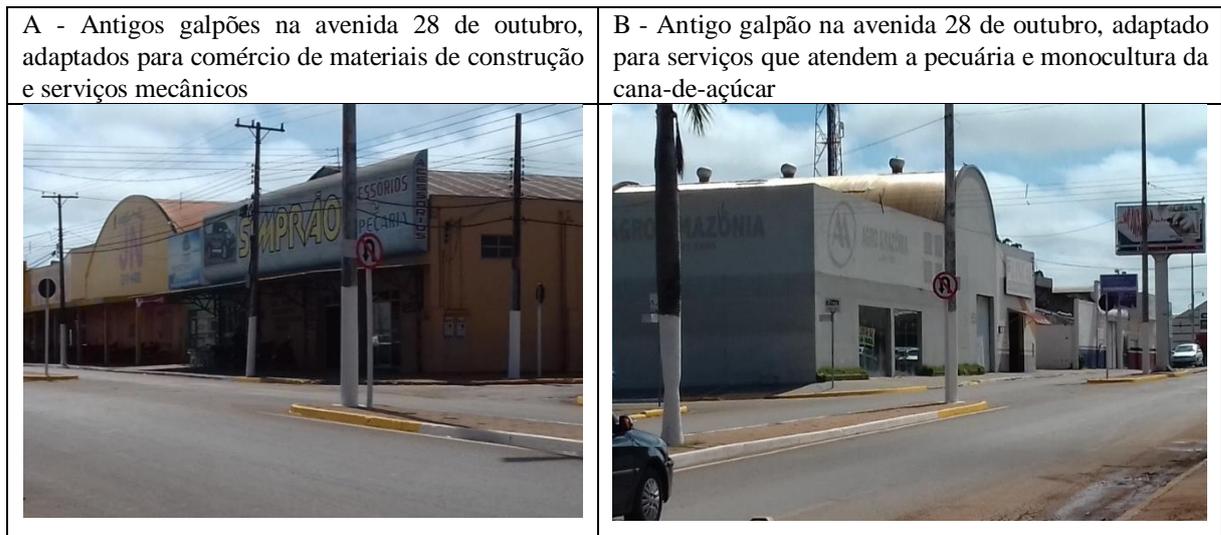
No espaço destinado à cidade, as mulheres foram tecendo uma rede de troca com as propriedades rurais e com os moradores do próprio núcleo. Experiências múltiplas produzidas pelos próprios moradores dessa área recente de ocupação que ao mesmo tempo possibilitam os primeiros esboços de um espaço urbano ainda que com características rurais e também produzem uma rede de sociabilidades com os moradores das redondezas.

A produção agrícola cultivada nas pequenas propriedades e o comércio que fora mobilizado a partir desses produtos são fundamentais para o surgimento do núcleo urbano e as

relações socioespaciais. Um núcleo urbano criado para atender as demandas da produção nas pequenas propriedades.

. Uma parte relevante das estruturas criadas para o atendimento dessa demanda são os antigos galpões de armazenamento de grãos produzidos no ambiente rural daquele município. Esses galpões expressam o apogeu da produção de grãos (arroz, feijão, milho, entre outros) naquele período, conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 - Antigos galpões, hoje adaptados às novas demandas comerciais de Mirassol D' oeste-MT



Fonte: Adaptado de Calixto (2017, p.67-68).

Mobilizado pela produção iniciada no espaço rural e pelas necessidades demandadas pelos sujeitos deste mesmo espaço, a rede urbana surgiu para atender uma crescente demanda da população rural pelos serviços tipicamente urbanos.

Atualmente, a paisagem urbana ainda guarda formas que nos remetem àquele período (Figura 3). Hoje, no ambiente urbano remanescem antigas estruturas que lembram o período de apogeu da agricultura diversificada, porém, readequadas para cumprirem novas funções no atual momento do sistema produtivo capitalista vivido na cidade.

A pecuária bovina e a monocultura da cana-de-açúcar: bases da reconcentração de terras

Pode-se dizer que entre a fase da pequena propriedade, marcada caracteristicamente pela produção da agricultura familiar e a fase em que começa a perceber a existência de propriedades maiores para a pecuária e plantação de cana-de-açúcar, houve um período no município marcado pelo cultivo do algodão, cuja atividade envolveu tanto pequenos quanto grandes

produtores. Esta seria uma fase de transição nos processos de uso da terra e organização econômica de Mirassol D' oeste (Calixto, 2017).

Com o declínio da cultura algodoeira em função dos problemas provocados pelo Bicudo (Calixto, 2017), a pecuária bovina passa a ganhar força e reinventar um novo modo no uso da terra no município, a fim de manter uma vitalidade econômica local. Segundo Soares (2009, p.126) “na década de 1980 as pequenas propriedades da Região, onde se praticava a agricultura de subsistência, foram perdendo espaço para a criação de gado de corte e leiteiro”. Um pouco mais tarde, na década de 1990, a cana-de-açúcar se insere como nova atividade econômica desenvolvida em paralelo à pecuária.

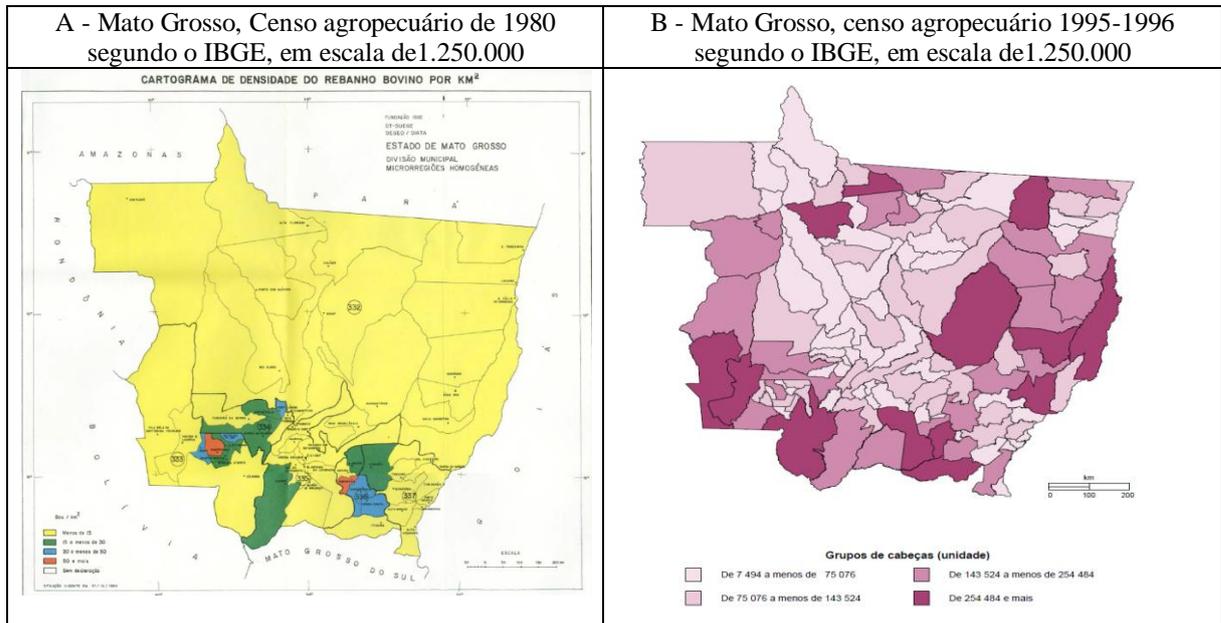
Essa mudança no uso da terra para o desenvolvimento da pecuária bovina repercute na dinâmica socioeconômica do município como um todo, pois, requer maiores extensões de terra para a implantação de pastagens e, por outro lado, requer menor número de pessoas envolvidas no trabalho e, conseqüentemente, diminuição da mão de obra empreendida. Essa análise é reforçada por Caio Prado Jr. (1945) quando assevera que:

Além disso, a criação de gado significa o despovoamento, com todas suas graves conseqüências, que não é preciso aqui relembrar, pois não somente exige muito menos trabalhadores que a agricultura, como ainda alimenta menor número de atividades subsidiárias. “A substituição da agricultura pela pecuária, tal como ocorre entre nós na generalidade dos casos, significa, em última análise, decadência no rigor da palavra” (Prado Jr., 1945, p. 257).

A pecuária se mostra como atividade econômica em Mirassol D' oeste já na década de 1980, entretanto, aparece pouco expressiva diante da agricultura desenvolvida nas pequenas propriedades. Dados do IBGE identificados no Censo Agropecuários de 1980 e 1995 (Figura 4) demonstram claramente esse processo de inserção e consolidação da atividade com o rebanho bovino na estrutura agrária do município e que, aderida naquele espaço, provocam profundas mudanças na sua estrutura fundiária.

Identifica-se no Censo Agropecuário do ano de 1980 que a densidade do rebanho bovino na região que hoje compreende Mirassol D' Oeste é de 5 a 30 cabeças de por km², conforme ilustra a Figura 4a. Em década seguinte, os dados do IBGE demonstram o avanço da pecuária bovina em Mirassol D' Oeste. Sobre o crescimento do rebanho bovino, que denota uma nova reestruturação na economia da região e do município, os dados do IBGE (1995) indicam o aumento da densidade para 124 cabeças de gado bovino por km² (Figura 4b).

Figura 4 - Cartograma demonstrando a densidade do rebanho bovino na região que hoje compreende Mirassol D' Oeste 1980 e Densidade de bovinos na região do município de Mirassol D' Oeste em 1995



Fonte: IBGE (1980 e 1995).

Relacionando os dados da densidade bovina nas décadas de 1980 e 1995, obtemos informações de que houve aumento no plantel do gado bovino em estreita relação com o aumento de número de propriedades e áreas ocupadas com lavouras em Mirassol D' oeste. Como já ilustrado, os números evoluem de “mais de 5 a 30 por km²” no censo de 1980, para 124 cabeças por km² em 1995. Observa-se expressivo aumento no plantel que aumenta de 29.714 cabeças na década de 1980 para um total que pode variar entre 143.524 a 254.404 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1995).

Esse fato denota o avanço da pecuarização no município, onde o pasto toma conta de áreas antes destinadas ao cultivo de lavouras de base familiar para a criação de gado bovino. Entretanto, o aumento da densidade bovina no espaço agrário, demonstrado pela elevação do número de cabeças por área, não significa que esse aumento ocorresse somente nas mesmas áreas anteriormente ocupadas por práticas agrícolas na década de 1980. Esse aumento no número de cabeças também exigiu o incremento de novas áreas. Assim, à medida que aumenta o número de cabeças de gado, há a necessidade de expansão da área de pasto, reestruturando o perfil do número de propriedades no espaço rural do município pesquisado (Tabela 2). Esse movimento constitui a base para entendermos as causas que darão início ao êxodo rural no município e região, em que os pequenos produtores começam a vender suas terras para o grande criador de gado, ou mesmo arrendá-la, por ocasião da inserção da monocultura da cana-de-açúcar na produção do etanol. Vejamos o que mostram os dados a seguir:

Tabela 2 - Número de estabelecimentos e pessoal ocupado nos anos de 1980 e 1995

Ano	Propriedade e uso					Pessoal Ocupado
	Total	Até 10 ha	Com Lavoura	Com Pecuária	Efetivo Bovino	Total no contexto agropecuário
1980	1316	758	1296	Sem dados	29714	8.325
1995	829	Sem dados	216, sendo 171 com lavoura temporária	503	Entre 143.524 a 254.404	2833

Fonte: Calixto (2017, p.63).

Durante a década de 1985, dos 1.316 estabelecimentos existentes, mais da metade (57,59%) era constituído por pequenas propriedades, sendo considerados aqueles com até 10 hectares. Essas pequenas propriedades totalizavam 758 unidades. Dos 1.316 estabelecimentos, a grande maioria (1.296), ou seja, 98,48%, estava envolvida em atividades agrícolas. Isso confirma o predomínio significativo das atividades agrícolas no contexto agrário, principalmente nas pequenas propriedades. Vale ressaltar que a mão de obra utilizada nessas práticas era predominantemente composta pelos membros da própria família responsável pela administração da propriedade.

Na segunda metade da década seguinte, houve uma redução expressiva no número de propriedades dedicadas à atividade agrícola, diminuindo de 1.296 para 216 estabelecimentos. Além disso, considerando o número geral de estabelecimentos, durante a metade da década de 1990, o total de propriedades rurais em Mirassol D' oeste diminuiu de 1.316 para 829 estabelecimentos. Essa redução no número de estabelecimentos confirma a ideia de que áreas menores, anteriormente utilizadas por pequenos agricultores, foram incorporadas por propriedades maiores. Essas áreas agora são destinadas tanto à pecuária de corte quanto ao cultivo de cana-de-açúcar.

A reestruturação do tamanho das propriedades e as mudanças no uso da terra em Mirassol D' oeste são evidenciadas pela inserção da cana-de-açúcar em áreas anteriormente destinadas à agricultura familiar. Um fator importante que sustenta essa tese é o número de propriedades que cultivavam lavoura no ano de 1995. Do total de 216 propriedades, 171 estabelecimentos, o que corresponde a 79,16%, dedicavam-se ao cultivo de lavouras temporárias. Isso representa uma queda significativa no número de propriedades que anteriormente se dedicavam ao cultivo de culturas permanentes, características da agricultura familiar. Dos estabelecimentos registrados na década de 1980, apenas 45 mantiveram atividades

desse tipo nos anos de 1990. Essa mudança é marcada por uma queda expressiva de 96,52% nas atividades relacionadas ao cultivo de lavouras, considerando que, na década de 1980, 1.296 estabelecimentos estavam envolvidos nessa modalidade de cultivo.

As mudanças ocorridas no espaço agrário de Mirassol D'oeste, que envolvem o redesenho das propriedades e das atividades desenvolvidas, também têm impacto na dinâmica socioeconômica como um todo. De acordo com o IBGE (1980,1995), houve uma redução de 2.833 postos de trabalho no setor agrícola do município ao longo de uma década. Isso indica uma diminuição significativa na demanda por mão de obra nesse setor durante esse período. Com relação a esse aspecto, Prado Jr. (1945) citado por Schlesinger (2009, p. 10) reforça que “em muitos lugares, o gado vem literalmente expulsando a população local que já não encontra meios suficientes de subsistência que antes tirava da agricultura”.

Em suma, a agricultura desempenha um papel fundamental na organização do espaço rural, e qualquer alteração nesse ambiente agrário pode ter efeitos significativos na paisagem, na distribuição das atividades econômicas e na ocupação do território. Uma das principais consequências dessas transformações é a requantificação e requalificação da mão de obra ocupada. Essa mudança na quantidade e qualificação dos trabalhadores tem repercussões espaciais importantes. Pode ocorrer migração intra e inter-regional, à medida que as pessoas buscam oportunidades de trabalho em outras áreas. Isso afeta diretamente a distribuição populacional e a formação de aglomerações urbanas.

A migração resultante das transformações no ambiente agrário também influencia a construção do espaço. A chegada de novos migrantes gera pressões sobre os recursos e infraestruturas existentes, além de impactar a configuração das áreas urbanas e rurais. A expansão urbana é frequentemente observada como resposta a esse processo, juntamente com a redefinição das funções das estruturas antigas. Além disso, áreas agrícolas são convertidas em áreas urbanas, levando a mudanças no uso do solo e na organização espacial das cidades.

Por fim, recursos naturais como água e solo são afetados, assim como a biodiversidade e a qualidade ambiental. A pressão sobre esses atributos ambientais demanda medidas de planejamento e gestão ambiental adequadas para garantir um desenvolvimento sustentável e equilibrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Subsidiado pelo conceito de Formação Socioespacial e pela categoria da seletividade, este estudo proporcionou importantes aferições sobre o processo de (re)organização do espaço de Mirassol D'oeste ao longo do tempo. Inicialmente, destacou-se que o processo de formação

socioespacial da cidade atendeu às demandas políticas e econômicas inerentes ao contexto nacional brasileiro no final da primeira metade do século XX. Politicamente, identificou-se que o espaço estava alinhado aos interesses de ocupação de “espaços vazios” na Amazônia, conforme planejado pelo governo Getúlio Vargas. Economicamente, abriu possibilidades de aumentar a produção de alimentos e aprimorar as tecnologias agrícolas.

Nesse sentido, o estudo também evidenciou a importância dos aspectos físico-geográficos da região, como relevo, clima, hidrografia, vegetação, solo, entre outros. O processo de formação do espaço ocorreu principalmente com base na pequena propriedade. Os colonizadores já familiarizados com a vida no campo, introduziram nessas pequenas áreas o cultivo de arroz, milho, café, entre outros, para consumo familiar. No entanto, o excedente era comercializado para garantir uma renda adicional para a família. Com base na discussão, percebeu-se uma estreita relação entre a produção do espaço agrário e o surgimento do espaço urbano de Mirassol D’oeste.

Conforme a cidade emergente se estruturava com construções e instalações que atendessem às demandas do meio rural, como galpões de armazenamento e beneficiamento de grãos, também surgiam pequenos estabelecimentos comerciais para o escoamento dos produtos excedentes. Além disso, foram instauradas instituições de atendimento cultural e social, como escolas, igrejas e postos de saúde. Ao longo do processo de colonização até os dias hodiernos, a forma de uso da terra e a questão fundiária variaram. Em um primeiro momento, predominava a pequena propriedade com culturas diversificadas voltadas para a subsistência familiar. Em um segundo momento, foi introduzida a cultura do algodão, abrangendo pequenos e grandes produtores. No terceiro momento, ocorreu o processo de pecuarização, com destaque para o gado bovino, e houve substituição de áreas de lavouras permanentes pelo cultivo de lavoura temporária, especificamente a cana-de-açúcar para a produção de etanol, o que resultou em concentração fundiária.

A pecuária de gado de corte foi uma atividade que contribuiu para a diminuição de postos de trabalho, uma vez que requer pouca mão de obra. Isso teve consequências negativas no contexto socioeconômico do município, pois, além de reduzir os postos de trabalho e gerar mão de obra ociosa, levou ao despovoamento da região, com a saída da população em busca de trabalho e moradia em outros lugares. Portanto, fica evidente que a reorganização do espaço é diretamente observada no ambiente agrário, mas seus reflexos extrapolam os limites do meio rural e se manifestam em todo o município.

A pesquisa realizada sobre a formação socioespacial da região de Mirassol D’oeste oferece uma contribuição significativa para o conhecimento científico existente sobre o tema.

Ao investigar os aspectos físico-geográficos, políticos e socioeconômicos que moldaram o espaço ao longo do tempo, o estudo preenche lacunas de conhecimento relacionadas às dinâmicas de ocupação e transformação do ambiente agrário.

Além disso, as descobertas obtidas ampliam a compreensão da interação complexa entre os fatores naturais e sociais que influenciam a organização socioespacial. As informações e percepções obtidas fornecem uma base sólida para pesquisas futuras, abrindo caminho para uma análise mais aprofundada dos processos de urbanização, mudanças na estrutura fundiária, impactos ambientais e desafios socioeconômicos enfrentados pela região.

De modo complementar, destaca-se que a importância social deste estudo reside na compreensão dos processos de formação socioespacial da região de Mirassol D’oeste e em como essas transformações afetam diretamente a vida das comunidades locais. Ao analisar a relação entre os aspectos físico-geográficos, a organização do espaço agrário e o surgimento do espaço urbano, o estudo revela as interconexões entre o meio ambiente, as atividades econômicas e a qualidade de vida da população.

Essa compreensão mais profunda das dinâmicas socioespaciais do sudeste mato-grossense pode contribuir para a elaboração de políticas públicas mais efetivas, promovendo um desenvolvimento sustentável, a melhoria das condições de trabalho e de vida das pessoas, além de permitir a identificação de potenciais desafios sociais e a busca por soluções adequadas.

REFERÊNCIAS

CALIXTO, A. P. **Assentamento Roseli Nunes como Contra-Espaço: trajetória e repercussões na dinâmica espacial de Mirassol D’oeste - Mato Grosso.** 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2017.

CAMARGO, L. **Atlas de Mato Grosso: abordagem socioeconômica/ecológica.** Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

DASSOLLER, T. F.; MIRANDA, M. R. S.; Neves, S. M. A. S. Dinâmica Espaço-temporal da paisagem de Mirassol ‘Oeste/Mato Grosso, Brasil. **Geosul**, [S.l.], v. 33, p. 162-180, 2018.

HEINST. A. C. **Pioneiros do século XIX: memória e relatos sobre a ocupação da cidade de Mirassol D’ Oeste.** 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Plataforma Cidades. **Mirassol D’oeste.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/mirassol-doeste>. Acesso em: 15 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola:** Anuário Agropecuário e agroindustrial de Mato Grosso, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola:** Anuário Agropecuário e agroindustrial de Mato Grosso, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2010.** Brasília: IBGE 2010.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil.** 2023. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo> . Acessado em: 10 jan. 2023.

MATO GROSSO. **Informativo populacional e econômico de Mato Grosso - 2008.** Secretaria do Estado de Planejamento e Coordenação geral - SEPLAN, Governo do Estado de Mato Grosso, 2008. Disponível em: <http://seplag.mt.gov.br/images/files/00seplan-5618-62d057557bbb7.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

MATO GROSSO. **Informativo populacional e econômico de Mato Grosso - 2005.** Secretaria do Estado de Planejamento e Coordenação geral - SEPLAN, Governo do Estado de Mato Grosso, 2005. Disponível em: <http://www.seplag.mt.gov.br/images/files/00seplan-5618-62d057545e7e1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

MORENO, G. O processo histórico de acesso à terra em Mato Grosso. **Geosul**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 67-90, Jan./jun, 1999.

MOREIRA, R. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. *In:* MOREIRA, R (org.). **Geografia teoria e crítica: o saber posto em questão.** Petrópolis: Vozes, 1982, p.33-63.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2010.

NEUBURGER, M; GEIPEL, F. As relações campo–cidade na periferia amazônica exemplos de mato grosso e Tocantins. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2, Santa Cruz do Sul. **Anais [...].** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004, p. 1- 41. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/sidr/2004/conferencias/01.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

PRADO JR., C. **História econômica do Brasil.** 26. ed. [S.l.]: brasiliense,1945.

PREFEITURA DE MIRASSOL D'OESTE. **Galeria de fotos - História.** Disponível em: <https://www.mirassoldoeste.mt.gov.br/galeria/10/historia>. Acesso em: 15 set. 2023.

ROSS, J. L. S. O registro cartográfico dos fatos Geomórficos e a questão da taxonomia do relevo. **Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP**, [S. l.], n. 6, 17-29, 1992.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *In:* SANTOS, M. **Espaço e sociedade:** ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, M. **Sociedade e espaço:** formação espacial como teoria e como método. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, n. 54, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, S. Movimentos e organizações sociais no Brasil rural contemporâneo: questões e desafios. *In*: DELGADO, G. C. BERGAMASCO, S. M. P. P. (org.). **Agricultura Familiar Brasileira: Desafios e Perspectivas de Futuro.** Brasília, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. [S.l.], 2017, p. 369-397.

SCHLESINGER, S. **Onde pastar? O gado bovino no Brasil.** Rio de Janeiro: Fase, 2010.

SIQUEIRA, E. M.; COSTA, L. A; CARVALHO, C. M. C. **O Processo histórico de Mato Grosso.** UFMT. Cuiabá. 1990.

SOARES, J. C. O. **Estudo de nascentes:** subsídio às políticas de gestão da sub-bacia hidrográfica do córrego Caeté no sudoeste do Estado de Mato Grosso. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2009.

SOARES J. C. O. **Pequenas cidades da região de Cáceres – MT:** papéis e significados na dinâmica socioeconômica regional. 2014, Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

VILELA, S. L. O. Perspectivas para a agricultura familiar brasileira: elementos de um projeto político de desenvolvimento rural, para além de uma “questão tecnológica”. *In*: DELGADO, G. C. BERGAMASCO, S. M. P. P. (org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro.** Brasília, Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, 2017, p. 246-263.